

3

A casa brasileira pelo olhar dos viajantes

Na maior parte dos relatos de viagem do século XIX, aparecem descrições de casas de campo e de casas de cidade (casas térreas e sobrados). Poucas vezes, no entanto, são descritas as construções mais simples na área urbana ou em suas proximidades.

Contrapondo-se as casas de campo às casas urbanas, o olhar estrangeiro é sempre mais crítico em relação a estas últimas. As outras, erguidas em meio a jardins e junto à natureza, quase sempre parecem um lugar confortável e aprazível aos viajantes.

Em meio às descrições dos edifícios, surgem aqui e ali detalhes sobre o modo de vida e os costumes dos habitantes do Novo Continente. O descansar na varanda após as refeições, o

trajar-se de maneira simples e à vontade no interior da residência, a convivência de senhores e escravos na moradia urbana. Surgem também detalhes sobre os espaços livres de edificação situados no interior do lote – pátios, quintais e jardins; sobre a escassez de mobiliário nas salas de visita; e sobre a técnica ou os materiais construtivos empregados. Alguns autores estabelecem ainda comparações entre um tipo de edificação e outro, como Robert Burford que, ao descrever o interior das casas térreas e sobrados do Rio de Janeiro na década de 1820, enfatiza sua diferenciação social – com as casas de dois ou três pavimentos destinadas às pessoas mais ricas da sociedade, e as casas térreas, habitadas pelos mais simples:

“(...) The houses of a single story consist of one good room, floored with boards, with alcoves for sleeping, a kitchen, and an enclosed yard, with stable, &c. the only passage to which is through the best apartment. The houses of two or three stories for the higher classes, have usually an open space in front, with large folding gates; a broad flight of steps leads to the upper story, consisting of the sala or drawing room, gorgeously painted and gilt, with folding doors leading to the sleeping alcoves, beyond which is the varanda, in which the family generally take their meals, and receive visits during the day, the lower parts are occupied by the slaves, cattle, and for domestic purposes.”¹⁶¹

As casas térreas descritas por Burford eram compostas por sala, alcovas, cozinha, e por um pátio ao qual se tinha acesso atravessando-se o cômodo principal; os sobrados seguiam o mesmo esquema no pavimento superior, ficando o térreo para os escravos, animais e para outros propósitos domésticos. Ou seja, enquanto nas casas mais ricas, o térreo não era ocupado

161 BURFORD, Robert. *Description of a view of the city of St. Sebastian, and bay of Rio de Janeiro (1823)*. London: J. and C. Adlard, Bartholomew Close, 1827. p. 7.

pelos proprietários da residência, nas casas mais simples, era o local de estar e repouso da família.

Debret também analisa as casas do Rio de Janeiro, afirmando serem estreitas e profundas, com uma sala de visitas dando para a rua, seguida pelos quartos de dormir, e com um corredor que conduzia à sala de jantar, à cozinha e aos aposentos dos escravos. Segundo Debret, a maioria dessas casas era composta por um rés-do-chão e algumas possuíam sótão com abertura para a rua¹⁶². Essas casas, com apenas um pavimento e fachada estreita, erguidas em lotes extensos, compunham a paisagem do Rio de Janeiro em princípios do século XIX.

Da mesma forma que Debret, Johann Emmanuel Pohl observa em seus relatos de viagem que eram poucas as casas do Rio de Janeiro que possuíam mais de um andar¹⁶³. Mas para este viajante chama a atenção o estilo uniforme dessas construções e seu material construtivo: a pedra¹⁶⁴.

Spix e Martius são mais detalhistas nesse sentido, afirmando que a maioria das casas do Rio era feita “*com granito miúdo, ou madeira nos pavimentos superiores, e cobertas de telhas*”. Os naturalistas relatam ainda as transformações que se processaram na fachada dos edifícios após a chegada da Corte: as sacadas, “*fechadas e sombrias, à moda oriental*”, haviam sido “*rasgadas em balcões abertos diante das janelas*”, por ordem superior¹⁶⁵.

162 DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Edusp, 1978. p. 306. (Primeira edição: 1834-1839).

163 POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil, empreendida nos anos de 1817 a 1821*. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo: Edusp, 1976. p. 38. (Primeira edição: 1832-1837).

164 Idem, *ibid.*, p. 39. Para Pohl, essas residências eram “mesquinhas”, dando abrigo a dez ou doze pessoas que viviam em pequenas dependências e alcovas. (Idem, *ibid.*, p. 39)

165 SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp Von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Melhoramentos, 1968. p. 18. (Primeira edição: 1824-1832).

Além das mudanças na fachada, parece ter havido um aumento no número de sobrados nas primeiras décadas do século XIX. George Gardner, que esteve no Rio de Janeiro em 1837 (mais de dez anos depois da visita de Johan Emmanuel Pohl), fala de “*casas edificadas solidamente e na maior parte de pedra*”, em geral de dois ou três pavimentos¹⁶⁶. Maria Graham, de modo semelhante, escreve sobre “*casas de três ou quatro pavimentos, com tetos salientes, toleravelmente belas*”¹⁶⁷. A viajante inglesa se detém na descrição de uma casa do Rio de Janeiro que já apresentava forte influência europeia. Neste caso, a residência é descrita como “magnífica”, possuindo um salão de baile, um salão de música, gruta e fontes nos jardins, e aposentos que considera “extremamente belos”, com louças da China, relógios franceses, cortinas de seda e molduras douradas¹⁶⁸. Graham registra mudanças no interior da casa brasileira e em seus espaços livres que de certa forma acompanharam as modificações em seus aspectos externos nesse processo de re-europeização da cidade, da sociedade e da residência (urbana e semiurbana).

Rugendas, por sua vez, estabelece uma caracterização das residências do Rio de Janeiro segundo sua localização geográfica:

“O Rio de Janeiro é inteiramente desprovido de edifícios realmente belos. Entretanto alguns há que impressionam pelo tamanho e pela posição. (...) Na parte antiga da cidade as ruas são estreitas mas regulares; cortam-se em ângulos retos e quase todas são calçadas e providas de passeios. As casas desse bairro são em geral altas e estreitas. O telhado é pontudo e

166 GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Trad. Milton Amado. São Paulo: Edusp, 1975. p. 21. (Primeira edição: 1846).

167 GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: Edusp, 1990. p. 207. (Primeira edição: 1824).

168 Idem, *ibid.*, p. 273.

nada na sua construção lembra o clima dos trópicos. Têm quase sempre três ou quatro andares e somente três janelas nas fachadas. Como as janelas são muito compridas, a desproporção existente entre a altura e a largura das casas torna-se mais chocante. A arquitetura é muito melhor nas partes modernas da cidade e principalmente no bairro de Santana; as casas aí são mais baixas, com telhados menos pontudos, e estão-se construindo agora edifícios de muito bom gosto. Nos bairros mais feios, na costa setentrional, (...) as ruas são bastante irregulares e sujas. As residências não passam em geral de miseráveis choupanas, esparsas ao acaso ou empilhadas umas contra as outras, entre as colinas e o mar.”¹⁶⁹

As casas altas e estreitas, situadas na parte mais antiga do Rio de Janeiro, parecem desproporcionais ao olhar do pintor estrangeiro; as construções baixas das partes “*mais modernas*” da cidade e os edifícios novos (provavelmente concebidos à maneira europeia) são para ele “*de muito bom gosto*”; e nos bairros mais pobres, as residências não passam de “*miseráveis choupanas*”. Estão aí colocados os contrastes entre o novo e o velho, o antigo e o “*moderno*”, o estilo tradicional e o estilo europeu (ou re-europeizado), as construções mais ricas e as construções mais pobres. Uma paisagem de contrastes ainda na primeira metade do século XIX. Está colocada também a visão do europeu em relação à casa brasileira – só era considerada de bom gosto a construção elaborada sob influência europeia, especialmente francesa ou inglesa. Às construções mais rústicas concorria toda a crítica estética (de proporção, de materiais construtivos, de tipo de piso, de organização interna e dos aspectos externos).

À semelhança de outras cidades brasileiras (como São Paulo, Recife ou Salvador), nos bairros mais afastados do

169 RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, s. d., p. 20. (Primeira edição: 1835).

centro, estavam implantadas as chácaras. E o olhar europeu era quase sempre mais complacente no que diz respeito a esse tipo de habitação.

“(...) *The houses in the suburbs are large, more convenient, and abound in the comforts of Europe: they are generally in large gardens, which during a great part of the year resemble huge bouquets (...).*”¹⁷⁰

Saint-Hilaire apresenta uma visão mais crítica em relação a essas casas de campo situadas nos arredores do Rio de Janeiro¹⁷¹. Avistadas por toda parte, não possuíam magnificência alguma para o naturalista e não seguiam os preceitos artísticos esperados pelo viajante europeu, o qual afirma, no entanto, que a originalidade de seu aspecto contribuía para tornar a paisagem mais pitoresca¹⁷².

Para Maria Graham havia uma diferença entre as casas de campo localizadas nas proximidades do bairro das Laranjeiras e as casas de campo na vizinhança do Catete. As primeiras não eram nem grandes, nem luxuosas, mas decoradas com varandas, possuindo uma escadaria que conduzia à residência do dono. Entre esta e o portão de entrada, cultivava-se ao menos uma aleia com várias espécies de flores¹⁷³. Na vizinhança do Catete, as casas eram quase sempre construídas como as do sul da Europa, com pátios e áreas ajardinadas junto à construção¹⁷⁴. As varandas e aleias de flores conferiam uma certa beleza às casas

170 BURFORD, *Op. cit.*, p. 7.

171 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. São Paulo: Edusp, 1975. p. 37. (Publicação do resumo das viagens: 1822; publicação do texto completo: 1887). Segundo Saint-Hilaire, o termo “chácara” anteriormente empregado pelos índios para designar as pequenas extensões de terra que cultivavam, foi apropriado pelos brasileiros que passaram a aplicá-lo em suas casas de campo. (Idem, *ibid.*, p. 37)

172 Idem, *ibid.*, p. 35.

173 GRAHAM, *Op. cit.*, p. 198.

174 Idem, *ibid.*, p. 198.

erguidas sem luxo; mas há uma nítida preferência da viajante inglesa pelas construções que lembravam as do sul da Europa.

Segundo George Gardner, o bairro do Catete, assim como Botafogo e Flamengo, era um dos locais favoritos de residência dos europeus, especialmente os comerciantes, em sua maioria ingleses, que preferiam antes residir nas casas de campo dos subúrbios que na cidade. Gardner menciona ainda o distrito de Engenho Velho como outro entre os preferidos pelos estrangeiros¹⁷⁵. Sendo habitados por europeus, evidentemente algumas das características desses bairros rememoravam se não a forma de construir, ao menos a forma de implantação da casa europeia – cercada por jardins.

Debret chama atenção para a existência da varanda (ênfaticamente também por Maria Graham), bastante comum nas casas de campo, com a face externa formada por um muro de apoio no qual se assentavam colunas curtas e grossas, de estilo mouresco, que sustentavam a cobertura de telhas capa-canal¹⁷⁶.

O pintor francês elabora ainda uma hierarquia entre a chácara, a roça¹⁷⁷, o engenho¹⁷⁸ e a estância¹⁷⁹, os quais constituíam quatro tipos de propriedades rurais. Destes, a chácara era a menos importante; uma “*simples propriedade de recreio onde*

175 GARDNER, *Op. cit.*, p. 22.

176 DEBRET, *Op. cit.*, p. 200-1.

177 A roça, cujo diminutivo, de acordo com Debret, era “sítio”, correspondia a “*uma propriedade rural mais inculta que a chácara, destinada à cultura do café, da laranja, da cana-de-açúcar, etc.*”, cujo produto constituía a base da fortuna de seu proprietário. (Idem, *ibid.*, p. 227)

178 O engenho (ou fazenda) era um tipo de propriedade em que os processos mecânicos e químicos secundavam a exploração – serrarias, moendas, máquinas de beneficiar arroz e café, alambiques, etc. Eram propriedades de nove a doze léguas de extensão, que exigiam de duzentos a quatrocentos escravos para o trabalho, constituindo uma “*fortuna colossal*”. (Idem, *ibid.*, p. 228)

179 A estância era um “*vasto domínio, entrecortado de florestas e campos*”, destinado à criação de cavalos, mulas, carneiros e gado. A residência do proprietário era uma casa ampla, de vários andares, com oratório no térreo. (Idem, *ibid.*, p. 228)

se cultivam frutas, legumes e flores e necessariamente alguns pés de café”:

“Quase não há brasileiro que não possua uma chácara hereditária; mas a diferença de fortuna faz delas às vezes uma simples barraca de duas peças com um teto prolongado por trás, para abrigar uma cozinha baixa ligada a uma sala para dois negros. O jardim, fechado por uma sebe, contém, ademais, um chiqueiro e um casebre de barro para o negro jardineiro; algumas árvores frutíferas, legumes e flores completam essa humilde propriedade.

As chácaras mais ricas e elegantes dos arrabaldes da cidade encontram-se nos arrabaldes de São Cristóvão, de Mata-Porcos, de Engenho Novo, do Morro de Nossa Senhora da Glória, do Catete ou da linda enseada de Botafogo. Estas últimas, principalmente, de um aspecto encantador, agrupam-se pitorescamente sobre as colinas arborizadas dos contrafortes do Corcovado (...). Essas habitações são a residência habitual dos ricos negociantes brasileiros e ingleses ou dos chefes das grandes administrações, cujas carruagens, fabricadas em Londres, percorrem duas vezes por dia a distância que as separa da cidade. (...)

A entrada dessas propriedades consiste num enorme portão de arquitetura portuguesa, construído de tijolos ou de pedras e revestido de estuque. (...)

E no Rio de Janeiro, como em Paris, o centro do pátio de entrada é ocupado por um maciço de vegetação cercado de caminhos circulares que conduzem ao peristilo do corpo principal do edifício.

Somente duas casas de campo são notáveis pelo gosto que presidiu a sua construção; as suas plantas se devem ao senhor Grand-Jean, nosso compatriota, professor de arquitetura da Academia de Belas Artes

*do Rio de Janeiro. Uma delas se situa em Catumbi e a outra na estrada de Mata-Porcos. A que esse sábio professor construiu para si, perto do Jardim Botânico, pode rivalizar com as outras e com elas dá novo encanto às casas rurais chamadas chácaras.”*¹⁸⁰

As duas únicas casas de campo que parecem notáveis para Debret (além da chácara nas proximidades do Jardim Botânico) são exatamente as projetadas pelo arquiteto Grand-Jean de Montigny, que veio para o Brasil com a Missão Artística Francesa, contribuindo sobremaneira para a difusão do neoclássico, especialmente no Rio de Janeiro. Isso demonstra o peso que o repertório de imagens e lembranças da Europa tinha na avaliação das residências urbanas e semiurbanas pelos estrangeiros. Desejava-se que as construções do Brasil fossem semelhantes às europeias, desconsiderando-se sempre as características do lugar. E essa ideia se difundiu durante todo o século XIX, inclusive entre os brasileiros, resultando em alterações no gosto e nos padrões de beleza e naquela obsessão por tudo que fosse europeu, tantas vezes ressaltada por Gilberto Freyre.

Veja-se também o modo como Debret descreve as casas cobertas com sapé, encontradas no interior:

*“No interior, o sapé é empregado para cobrir as choças e guarnecer as paredes quando não são feitas de barro.”*¹⁸¹

Ou seja, são apenas choças implantadas em áreas distantes da cidade e do mar; distantes das influências da civilização europeia.

No Recife, as “cabanas”, com paredes e tetos de folhagens – as casas de pescadores ou mucambos – situavam-se junto à costa, representando uma forma de resistência ou de não-assimilação dessas influências:

180 DEBRET, *Op. cit.*, p. 226-7.

181 Idem, *ibid.*, p. 250.

“Em contraste, por toda parte, na costa, em pontos onde a ressaca não projeta as vagas com muita força, verás, disseminados entre os coqueiros, cabanas de pescadores, com paredes e tetos de folhagens. Essas construções pouco espaçosas, abertas a todos os ventos, lhe revelarão que aqueles que as habitam não conhecem os requintes de uma civilização complicada, mas, por outro lado, não têm muito a recear dos rigores do clima ou das intempéries das estações.”¹⁸²

Nas residências urbanas, Vauthier constata o mesmo sistema de distribuição interna dos cômodos das casas do Rio de Janeiro e de São Paulo: uma sala na frente, outra nos fundos e, entre elas, uma ou duas alcovas fechadas com portas envidraçadas; interligando as salas, um corredor relativamente extenso, de onde partia a escada e para onde se abriam cubículos sem iluminação¹⁸³.

Charles Mansfield ressalta o aspecto externo dessas construções. Para ele, as casas recifenses eram solidamente construídas e elegantemente desenhadas; possuíam uma beleza peculiar e uma aparência pitoresca decorrente de seu colorido¹⁸⁴.

Havia, em alguns bairros, casas “de tijolos, com três, quatro e mesmo cinco andares”, como as observadas por Henry Koster, ao lado das construções mais antigas com apenas um andar ou somente o térreo¹⁸⁵. Em Santo Antônio, as casas eram altas em sua maioria, com lojas, armazéns, oficinas e cocheiras no térreo¹⁸⁶. Na Boa Vista, à exceção das construções implantadas na rua principal, as casas eram pequenas e esparsas, prolongando-se extremamente o bairro¹⁸⁷.

182 VAUTHIER, Louis, Léger. “Casas de residência no Brasil”. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: FAU-USP: MEC-IPHAN, 1975. p. 30. (Cartas escritas entre 1840 e 1846).

183 Idem, *ibid.*, p. 37-9.

184 MANSFIELD, Charles B. *Paraguay, Brazil and the Plate. Letters written in 1852-1853*. Cambridge: Macmillan, 1858. p. 29.

185 KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 34. (Primeira edição: 1816).

186 Idem, *ibid.*, p. 35.

187 Idem, *ibid.*, p. 35-6.

Casas térreas e sobrados parecem ter existido em vários bairros do Recife. Maria Graham salienta as características destes últimos:

“(...) As casas são de três ou quatro andares, feitas de pedra clara e são todas caiadas, com as molduras das portas e janelas de pedra parda. O andar térreo consiste em lojas ou alojamentos para negros ou cavaliças, o andar de cima é geralmente adequado para escritórios e armazéns. Os apartamentos para residência são mais acima, ficando a cozinha geralmente no alto. Por este meio a parte inferior da casa conserva-se fresca.”¹⁸⁸

Nos sobrados mais antigos do Recife, Rugendas observa uma certa influência europeia – as casas altas e estreitas, os tetos “*pontudos*”, muitas janelas e sacadas. Mas conclui que os edifícios erguidos nas primeiras décadas do século XIX mostravam “*mais gosto na construção*”, com as residências cercadas por jardins¹⁸⁹. Eram de fato muitas vezes os jardins ou as áreas ajardinadas, mais do que a arquitetura em si, que agregavam valor às habitações para o olhar europeu. Por isso as casas de campo ou “sítios” (como eram denominados no Recife), onde o tamarindo, a paineira e a palmeira davam abrigo aos visitantes e uma grande variedade de arbustos ornava os muros das áreas ajardinadas¹⁹⁰, eram considerados belos. Junto ao Capibaribe, essas residências eram “*adornadas de pomares e jardins*”¹⁹¹.

Graham visitou uma dessas casas de campo, registrando suas principais características em seu diário de viagem. Tratava-se de uma construção térrea, circundada por uma varanda, implantada em meio a um pequeno campo, composto por plantações e pastos e rodeado por rosas, limoeiros e outras árvores

188 GRAHAM, *Op. cit.*, p. 132.

189 RUGENDAS, *Op. cit.*, p. 79.

190 Idem, *ibid.*, p. 136.

191 Idem, *ibid.*, p. 145.

frutíferas¹⁹². De acordo com a viajante inglesa, essas características eram comuns a outros “*sítios campestres*”, havendo algumas diferenças decorrentes das variações do terreno e do gosto do morador ou proprietário¹⁹³.

Koster denomina essas casas de “*residências de verão*”, sendo sua descrição bastante semelhante à de Graham: “*pequenas, asseadas e brancas casinhas de andar térreo, com jardins na porta e nos flancos, plantados de laranjeiras, limões, romãs e muitas espécies de árvores de fruto*”¹⁹⁴.

Em Salvador, as casas ajardinadas ficavam no bairro denominado “Vitória”, um dos subúrbios favoritos da Bahia e local escolhido para implantação de inúmeras chácaras¹⁹⁵. Vitória era o bairro onde habitava a maior parte dos comerciantes ingleses, em casas ajardinadas, com flores e frutos se derramando sobre os muros “*até junto do mar*”¹⁹⁶.

Mas enquanto na cidade alta os edifícios apareciam cercados por bosques e jardins, conferindo um “*aspecto bastante pitoresco*” à paisagem¹⁹⁷, nas proximidades da alfândega e do cais de desembarque, as casas possuíam “*em geral, três, quatro e mesmo cinco andares*” e não comportavam mais do que três ou quatro janelas na fachada¹⁹⁸. As áreas mais antigas de Salvador eram marcadas pela existência dos altos sobrados, com sacadas nas janelas e telhado “*chato*”; construídos “*à moda europeia*”, segundo o parecer de Rugendas¹⁹⁹.

O pintor viajante confirma a existência de uma divisão sócio-espacial nesse momento: na cidade baixa, dos sobrados de três, quatro ou cinco pavimentos, habitavam os comerciantes;

192 RUGENDAS, *Op. cit.*, p. 160.

193 Idem, *ibid.*, p. 160.

194 KOSTER, *Op. cit.*, p. 43.

195 OUSELEY, W. M. Gore. *Description of views in South America*. London: Thomas Mc Lean, 1852. p. 13.

196 GRAHAM, *Op. cit.*, p. 166.

197 Idem, *ibid.*, p. 74.

198 Idem, *ibid.*, p. 75.

199 RUGENDAS, *Op. cit.*, p. 75.

os mais ricos, especialmente os estrangeiros, habitavam as casas de campo ou de chácara, cercadas por jardins, localizadas fora da área central²⁰⁰.

Maria Graham também percebe diferenças marcantes entre a cidade alta e cidade baixa de Salvador, considerando a primeira “*incomparavelmente mais limpa*”²⁰¹. Percebe ainda contrastes significativos entre as casas mais pobres e as construções de pedra ou tijolo da Bahia:

*“(...) As cabanas dos pobres são feitas de estacas verticais com galhos de árvore trançados entre elas, cobertos e revestidos seja com folhas de coqueiros, seja com barro. Os tetos são também cobertos de palha. As melhores casas são feitas ou com uma bela pedra azul, tirada da praia da Vitória, ou de tijolo. São todas caiadas; onde o chão não é calçado de madeira, há um belo tijolo vermelho, de seis por nove polegadas e três de grossura; são cobertas com telhas vermelhas redondas. As casas são geralmente de um só andar, com um ou dois quartos em cima como sótão. Em baixo da casa há geralmente uma espécie de porão no qual vivem os escravos.”*²⁰²

As “cabanas dos pobres” eram mucambos, erguidos com estacas verticais, com paredes de barro ou com um trançado de folhas de coqueiro e cobertura de palha; as casas “melhores” eram construções de pedra, com assoalho ou piso de tijolo e cobertura de telhas capa-canal. A utilização de tijolos como piso nas edificações, muito comum no Brasil até então, é um registro importante nos relatos de Graham, mas talvez mais importante seja a descrição das casas mais pobres que poucas vezes aparece nessas fontes documentais. Os viajantes estavam quase sempre mais interessados nas construções mais sólidas.

200 RUGENDAS, *Op. cit.*, p. 75.

201 GRAHAM, *Op. cit.*, p. 169-70.

202 Idem, *ibid.*, p. 183.

“A maioria das casas desta parte da cidade são construídas de pedra, tendo três a cinco pavimentos, e, em geral, são de aparência agradável, faltando-lhes, porém, no interior, quase sempre, uma certa comodidade, sem a qual o asseio das ruas nada tem a lucrar.”²⁰³

Spix e Martius referem-se ao material construtivo dos sobrados de Salvador, destacando o emprego da pedra, e discretamente comentam a falta de asseio nas ruas. Nesse sentido, Maria Graham é mais enfática, afirmando em relação à rua principal da cidade baixa da Bahia que era, sem nenhuma exceção, o lugar mais sujo onde havia estado²⁰⁴.

A ausência de “*uma certa comodidade*” no interior dos sobrados contribuiu em grande medida para a sujeira das ruas – “*escoadouro das águas servidas dos sobrados*”, nos dizeres de Gilberto Freyre²⁰⁵. Algumas cidades, entretanto, eram favorecidas pela maior frequência das chuvas, dando uma certa impressão de limpeza ao olhar estrangeiro, como foi o caso da cidade de São Paulo, onde estiveram Saint-Hilaire, Spix e Martius, John Mawe e Daniel Kidder nas primeiras décadas do século XIX.

Saint-Hilaire elabora uma descrição minuciosa da casa paulistana desse período. Segundo o naturalista, eram casas de taipa, bastante sólidas, caiadas e cobertas de telha. Não sugeriam opulência, mas grande parte dos sobrados chamava atenção pelo aspecto vistoso e limpo. Os telhados protegiam as paredes das águas da chuva e as janelas eram mais afastadas umas das outras em comparação com as casas do Rio de Janeiro. Em vez dos muxarabis, tão comuns no Rio como em Recife, havia na cidade de São Paulo janelas envidraçadas, com sacadas, e postigos pintados de verde. Apenas as casas térreas possuíam gelosias nas aberturas²⁰⁶.

203 SPIX & MARTIUS, *Op. cit.*, p. 157.

204 GRAHAM, *Op. cit.*, p. 165.

205 FREYRE, *Op. cit.*, p. 32.

206 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. Trad. Regina Regis Junqueira. São Paulo: Edusp, 1976. p. 28. (Publicação do resumo das viagens: 1822; publicação do texto completo: 1887).

Para o naturalista, as residências urbanas dos habitantes mais distintos de São Paulo pareceram bonitas por fora e por dentro – com a sala, onde os visitantes eram recebidos, limpa e mobiliada com gosto. As paredes eram pintadas de cores claras e, nas construções mais antigas, ornadas com figuras e arabescos. Existiam também paredes lisas, em edifícios então recém-construídos, com “*cercaduras e lambris*”, à maneira europeia²⁰⁷.

Spix e Martius, ao tratarem das casas da cidade de São Paulo, ressaltam a técnica construtiva – “*raramente se constrói com tijolo, ainda menos com cantaria; levantam-se as paredes com duas filas de fortes mourões ou gradeado, entre os quais se calca o barro (‘casas de taipa’), sistema muito parecido com o ‘pisé’ francês*”. Dão ênfase também aos aspectos externos da arquitetura paulistana – “*casas com sacadas de gradil*” –, observando em seus relatos que a maior parte das casas possuía dois pavimentos²⁰⁸ – uma impressão de viagem, pois segundo a historiadora Raquel Glezer eram raros os sobrados na cidade nesse período²⁰⁹.

Diferentemente de Saint-Hilaire, para quem “*as moradas dos habitantes mais graduados de São Paulo*” eram bonitas, para Spix e Martius, o aspecto da arquitetura paulistana era insignificante e burguês; cuidava-se mais “*do asseio e da comodidade na disposição da casa*” do que de sua “*elegância e suntuosidade*”²¹⁰.

John Mawe comenta sobre o aspecto das casas que eram “*estucadas em várias cores*”, as das ruas principais possuindo de dois a três andares – outra impressão de viagem, pois eram raros os sobrados de três pavimentos em São Paulo, mesmo em meados do século XIX²¹¹. Mawe explica detalhadamente a

207 SAINT-HILAIRE, *Op. cit.*, p. 128.

208 SPIX & MARTIUS, *Op. cit.*, p. 144.

209 GLEZER, Raquel. *Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo*. São Paulo: Alameda, 2007. p. 169.

210 SPIX & MARTIUS, *Op. cit.*, p. 144-8.

211 MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. Trad. Selena Benevides Viana. São Paulo: Edusp, 1978. p. 63. (Primeira edição: 1812).

técnica da taipa de pilão, desde a construção do arcabouço com pranchas móveis e justapostas para colocação da terra umedecida até a pintura das paredes lisas da área interna e sua ornamentação com “*engenhosos enfeites*”. Descreve também a cobertura usual da casa paulistana, com telhados projetados de dois a três pés além da parede, para distanciar as águas da chuva da base da construção, e telhas curvas, destacando a falta de conhecimento do emprego da calha²¹². Não faz, contudo, qualquer referência à forma de distribuição interna dos cômodos. Esta aparece nos relatos de viagem não de um europeu, mas de um norte-americano que esteve na cidade em 1855, Daniel Kidder, após uma descrição igualmente detalhada da técnica construtiva:

*“Já que estamos no assunto, descreveremos o arranjo interno das moradias paulistas, descrição essa que se aplica também às de outras regiões do império. Varia muito a divisão das casas; quase todas, porém, são construídas de forma a deixar uma área interna que serve para arejar os dormitórios, sistema esse tanto mais indispensável quanto é hábito generalizado manterem fechadas com pesadas folhas as janelas que dão para a rua. Nas cidades, o andar inferior raramente é ocupado para moradia; serve às vezes para casas de comércio, outras vezes para cocheira ou estábulo. As dependências mais comuns, em cima, são: a sala de visitas e a de jantar, entre as quais existem, invariavelmente, alcovas que servem de dormitórios.”*²¹³

Observe-se a contradição do viajante ao afirmar inicialmente que a divisão das casas variava muito para em seguida registrar que as dependências do pavimento superior eram a sala de visitas e de jantar e entre estas, invariavelmente, as alcovas.

212 MAWE, *Op. cit.*, p. 63-4.

213 KIDDER, Daniel. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e província de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1980. p. 206-7. (Primeira edição: 1845).

Praticamente o mesmo esquema observado por Vauthier no Recife, que o levaria a afirmar: “*quem viu uma casa brasileira, viu quase todas*”²¹⁴.

Em relação às casas paulistanas, Kidder relata ainda que as paredes de taipa eram muito espessas, mas passíveis de receber um bom acabamento; que os telhados eram suficientemente amplos para proteger essas paredes das águas da chuva; que normalmente possuíam dois pavimentos e sacadas com rótulas; que eram revestidas e caiadas e que a brancura das paredes externas contrastava com os telhados vermelhos, havendo casas pintadas de amarelo palha e de rosa pálido; e que o aspecto externo dessas construções era de um modo geral alegre e asseado²¹⁵.

Boa parte dos viajantes que esteve na cidade de São Paulo na primeira metade do século XIX parece ter considerado importante registrar a técnica da taipa de pilão – característica da arquitetura local e determinante de outros fatores, como a largura dos beirais e das paredes.

Na entrada da cidade e em suas proximidades, havia outros tipos edificatórios, mas sempre o mesmo material construtivo: a taipa – com uma ou outra exceção. Nos arredores de São Paulo, Saint-Hilaire vislumbrou “*bonitas casas espalhadas pelo campo*”²¹⁶ e numerosas chácaras embelezando a paisagem:

“(…) *Se as fazendas não são tão comuns nesse distrito como na maioria dos outros, pelo menos contam-se nos arredores da cidade numerosas chácaras. A não ser nas redondezas do Rio de Janeiro, não vi no decorrer de minhas viagens nenhum outro lugar onde houvesse uma tão grande quantidade delas, espalhadas por todos os lados. Essas chácaras contribuem singularmente para embelezar a paisagem. Várias*

214 VAUTHIER, *Op. cit.*, p. 37.

215 KIDDER, *Op. cit.*, p. 206-7.

216 SAINT-HILAIRE, *Op. cit.*, p. 127.

*delas têm grandes terrenos cercados, onde se vêem simétricas plantações de cafeeiros, de laranjeiras, de jabuticabeiras e de outras árvores.*²¹⁷

Em seus relatos, Saint-Hilaire descreve a “Chácara Água Branca”, pertencente a Joaquim Roberto de Carvalho. A casa ficava ao fundo de um grande pátio murado. Possuía apenas um pavimento, com uma extensa varanda na frente, limitada de um lado por uma capela e, do outro, por um salão. No vasto terreno dessa casa de chácara, existiam aleias de laranjeiras, pessegueiros, pitangueiras e jabuticabeiras²¹⁸. Como era comum nas chácaras paulistas, havia verdadeira profusão de árvores de fruto.

Daniel Kidder considera a cidade o “*centro de convergência de toda a província*”, uma vez que os fazendeiros que possuíam casas em São Paulo passavam pouco tempo em suas fazendas. Para esse viajante, eram elegantes as residências cercadas de jardins dos subúrbios e arredores da cidade²¹⁹.

Cabe aqui ressaltar mais uma vez o papel do jardim na qualificação das casas de campo e chácaras. Enquanto as residências urbanas eram erguidas umas ao lado das outras, sem recuo lateral, no alinhamento das ruas, com um “jardim-hortapomar” atrás dos muros, no recuo posterior, as casas de campo e de chácara estavam isoladas no lote e cercadas por áreas ajardinadas. As árvores e flores dessas áreas qualificavam a paisagem e a arquitetura, estando em consonância com a natureza ao redor. É possível que, se as casas urbanas fossem implantadas em meio a jardins no início do século XIX (como de fato seriam na passagem do século XIX para o século XX), o olhar europeu talvez não tivesse sido tão crítico em relação a elas.

Esse olhar quase sempre comparava a casa do Novo Continente à casa da Europa. Isso porque era a casa europeia que o viajante trazia na memória, que possuía em seu repertório de recordações. Era a casa sonhada, que aprendera a admirar e almejar.

217 SAINT-HILAIRE, *Op. cit.*, p. 148.

218 Idem, *ibid.*, p. 149.

219 KIDDER, *Op. cit.*, p. 209.

As casas do Novo Continente, particularmente aquelas dos primeiros tempos, que persistiram na paisagem urbana do início do século XIX, foram construídas com o material que havia no entorno, sendo portanto essencialmente rudimentares. Aqui ainda não haviam sido desenvolvidas as técnicas construtivas da Europa com todo o seu requinte para a época – não havia meios para isso.

E essa foi a diferença circunstancial ou temporal (no que diz respeito às etapas de desenvolvimento das técnicas construtivas) que poucas vezes o olhar europeu levou em consideração. Importava antes comparar a casa brasileira à casa europeia para que o próprio leitor dos relatos de viagem pudesse ter uma ideia de suas características construtivas – porque o leitor dos relatos de viagem era também, muitas vezes, europeu.

E porque a casa europeia constituía o repertório dos viajantes e dos leitores de relatos de viagem, tornou-se o parâmetro de avaliação. Está-se aqui tomando como exemplo a casa – objeto central deste estudo –, mas o mesmo pode ser dito em relação aos outros edifícios, à arte aqui produzida, ao mobiliário, ao vestuário, aos costumes e modo de vida, às ruas e ao espaço urbano. Ou seja, para tudo o que fosse produzido ou construído pelo homem, o parâmetro era a Europa. Mas no que diz respeito à beleza natural nada podiam fazer os viajantes europeus a não ser confessar sua surpresa e encanto, porque em relação à Natureza, tudo era novidade e deslumbramento. As paisagens naturais eram estarrecedoras; as paisagens urbanas, pitorescas quando observadas ao longe, em meio à Natureza. As casas, por sua vez, ressentiam-se ainda do requinte europeu – mais imparcial talvez fosse o olhar estrangeiro de um “não-europeu”, como Daniel Kidder.

Nos relatos de viagem, muitas vezes foi constatado o contraste da habitação do século XIX: casas térreas urbanas x sobrados; casas urbanas x casas de campo – contraste este enfatizado pela distribuição geográfica das construções. Relegadas

a segundo plano, mesmo nos relatos dos viajantes, estavam as construções mais simples, a habitação mais pobre e rudimentar.

A CASA BRASILEIRA DE OUTRAS REGIÕES DO PAÍS

Se a leitura dos relatos de viagem do século XIX indica a existência de altos sobrados – de três, quatro, cinco e até seis pavimentos – em algumas cidades situadas junto ou nas proximidades da costa leste do Brasil, por outro lado demonstra que, afora algumas cidades próximas ao litoral norte ou sul do país, onde se tornaram comuns as construções com dois ou mais pavimentos, na maior parte das cidades brasileiras, o sobrado constituiu verdadeira exceção – o que pode ser explicado por diversos fatores. Antes de tudo, as construções do Brasil colonial e da primeira metade do século XIX foram erguidas essencialmente com o material existente no entorno: madeira, barro, folhas de palmeira, palha, capim, cipó. Esse tipo de material muitas vezes determinou o emprego de técnicas construtivas rudimentares (construções de pau-a-pique e sapé, de taipa de mão, de taipa de pilão, de adobe) e limitou o número de pavimentos dos edifícios. A existência de pedra nos arredores das cidades litorâneas e de algumas cidades de Minas possibilitou, neste caso, a construção de um número mais expressivo de sobrados. As pedras de cantaria (pedras talhadas ou trabalhadas) comumente vinham da Europa, como lastro de navios, sendo este o segundo fator que explica a difusão do sobrado em algumas cidades brasileiras: a proximidade do litoral e, conseqüentemente, um contato mais direto com a Europa. Cidades como Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Belém do Pará e São Luís do Maranhão foram favorecidas por esse contato no sentido de uma maior urbanidade. Tem-se então o terceiro fator que contribuiu para a construção de edifícios mais altos junto à faixa litorânea: a influência cultural. Quanto mais afastada a cidade da costa, mais significativa a mistura de culturas – indígena, africana e europeia – no espaço urbano e na construção. A maior proximidade do litoral resultou quase sempre no predomínio da influên-

cia europeia, particularmente a partir da chegada da Corte e da abertura dos portos, em 1808. Desse modo, a influência cultural predominante foi determinada também pela localização geográfica do aglomerado urbano, que favoreceu ou limitou um maior contato com o exterior; que possibilitou ou não a importação de materiais construtivos e de equipamentos urbanos, interferindo na concepção arquitetônica do lugar e no desenho da paisagem.

Em *Sobrados e mucambos*, Gilberto Freyre afirma em relação à natureza do material dos sobrados, que variou desde o primeiro século de colonização segundo o recurso de seus proprietários, segundo um maior ou menor contato com a civilização europeia e conforme o caráter do solo da região onde se estabeleceram²²⁰. Essas observações podem ser estendidas para a casa brasileira de um modo geral, como se constata por meio da leitura dos textos dos viajantes, acrescentando-se outro fator determinante para a existência e difusão do sobrado: o grau de desenvolvimento econômico das freguesias, vilas e cidades. Em Manaus, até o apogeu da borracha, foram raríssimas as construções de dois pavimentos – em contraposição aos vários sobrados existentes no Recife desde a época dos holandeses e aos sobrados que caracterizaram as paisagens de Salvador e do Rio de Janeiro. Deste fator decorre outro que já se conhecia mesmo antes da instituição da Lei de Terras de 1850: o valor da terra – relacionado às características topográficas do lugar. Sobre o Recife, Freyre chega a afirmar que em função de suas condições topográficas (“*fisicamente um meio-termo entre ilha e península*”), “*o sobrado quase sem quintal se impôs*”²²¹. Neste caso, observa-se que o meio determinou não apenas o material construtivo das residências urbanas, mas também a sua verticalidade – “*questão de espaço que era pouco*”²²².

Alguns dos viajantes que percorreram cidades como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, estiveram também

220 FREYRE, *Op. cit.*, p. 301-2.

221 Idem, *ibid.*, p. 272.

222 Idem, *ibid.*, p. 272.

em cidades situadas ao norte e ao sul do país, e em cidades do centro-oeste, deixando registradas mais uma vez em seus relatos de viagem as características da casa brasileira.

Nesses relatos, as construções são descritas inter-relacionadas ao entorno (às ruas, bairros, paisagens, à vegetação existente), fazendo-se referência aos materiais e técnicas construtivas, ao número de pavimentos, ao tipo de cobertura, às áreas externas de caráter privado (pátios, quintais e jardins) e, mais raramente, à divisão dos cômodos internos.

A visão dos viajantes, especialmente os europeus, permanece quase sempre crítica em relação a essas construções. Muitas vezes, ainda, são os elementos externos (jardim, natureza) que amenizam a crítica contundente do viajante europeu. Um dos exemplos mais expressivos dessa interferência dos elementos externos ao norte do país aparece na descrição de Cameté em 1859, elaborada por Avé-Lallemant. Inicialmente, o viajante demonstra um certo desprezo pelas construções de madeira erigidas sem o auxílio de um carpinteiro:

“(...) Por toda parte se vêem escadas de madeira, pilares de madeira, varandas e pontes de madeira. E como essas construções de madeira não estão novas e certamente não foram sempre erigidas por carpinteiros ou construtores, formam verdadeira confusão de madeira, dando-lhe um aspecto de cidade malaia, parcialmente suspensa sobre andas.”²²³

Mas ao chegar ao outro extremo da cidade, surpreende-se com a paisagem formada por rios, tendo ao fundo a floresta:

“Fizemo-nos transportar até o fim da cidade, subimos uma escada de madeira de 20 pés, e vi-me diante dum cenário tão encantador que não se pode traduzir em palavras.

223 AVÉ-LALLEMANT, *Op. cit.*, p. 36.

Uma pequena praça, em forma de terraço, no meio dum largo e comprido balcão, estendendo-se para além da orla do rio. Na orla da praça, enorme mangueira e, por trás desta, uma linda casa. Para o seu arranjo, o proprietário acumulou bastante bom gosto em dez anos de residência na Inglaterra, e fortuna suficiente numa ativa vida comercial no Tocantins. Essa casa, rodeada de dois lados por uma varanda, é tão larga que forma duas salas conjugadas abertas em volta. Ao lado, um jardim conquistado à floresta virgem, onde diversos grupos de astrocárias, providas de espinhos, uma gutífera parasita, alta e viçosa, asfixia uma palmeira; um enorme eriodendro e uma palmeira pupunha falam da floresta, enquanto flores de jardim, cuidadosamente tratadas, espalham longe seu perfume. Desse belíssimo belvedere goza-se de todo o panorama do rio a jusante, do rio a montante e do rio defronte, em cuja margem, uma ilha após outra velam parte da colossal largura do Tocantins. Tudo isso moldurado pela orla encantadora da floresta, tendo por cima um céu profundamente azul, cuja límpida abóbada parece suportada pelos troncos-pilastras das miritis. Essa a minha pousada de Páscoa, na extremidade mais baixa de Cameté, tão encantadora como nunca possuía igual.”²²⁴

A crítica referente às construções de madeira dá lugar ao fascínio pelo entorno. A casa é descrita como “linda”; o belvedere como “belíssimo”; e a visão dos rios e da floresta completa o panorama encantador. Observe-se também as informações colocadas por Avé-Lallemant sobre o proprietário da residência: em primeiro lugar, “acumulou bastante bom gosto em dez anos de residência na Inglaterra” – o viajante evidencia a importância atribuída à influência europeia na valorização do espaço produzido, como se tal influência contribuísse para a

224 AVÉ-LALLEMANT, *Op. cit.*, p. 37.

concepção de espaços de melhor qualidade; em segundo lugar, o proprietário acumulou fortuna suficiente em sua vida comercial no Tocantins – Avé-Lallemant estabelece uma relação entre os recursos do proprietário e a qualidade de sua habitação.

Henry Bates também esteve em Cametá em meados do século XIX (por volta de 1850, 1851), afirmando que suas casas eram muito simples e erguidas com “*um sólido arcabouço de madeira e barro, caiado de branco*”, da mesma forma que a maioria das casas da região²²⁵.

De fato, o emprego da madeira e do barro foi muito comum ao norte do país – constituindo exceções cidades como Belém, onde eram usuais as construções de pedra.

Spix e Martius, que estiveram em Manaus em sua viagem ao Brasil (entre 1817 e 1820), descrevem as casas da então denominada Fortaleza da Barra do Rio Negro como construções quase exclusivamente de um só pavimento, com paredes de pau-a-pique e barro e cobertura de folhas de palmeira²²⁶.

Em meados do oitocentos, outros viajantes estiveram em Manaus. Entre eles, Alfred Wallace, Henry Bates, Avé-Lallemant e Loius Agassiz. Wallace registra algumas modificações na casa desse período: em vez da cobertura de folhas de palmeira assinalada por Spix e Martius, havia coberturas de telhas vermelhas nas residências; no chão das habitações, Wallace encontra piso de tijolos; e as paredes estavam pintadas de branco e amarelo, contrastando com as portas e janelas pintadas de verde²²⁷. Ainda eram raros os sobrados por esses tempos:

*“A casa do Sr. Balbino é conhecida por quase todos como ‘o Sobrado’, por ser a única desse tipo a montante da Barra. Seu estado, porém, era bastante arruinado.”*²²⁸

225 BATES, *Op. cit.*, p. 69.

226 SPIX & MARTIUS, *Op. cit.*, p. 140.

227 WALLACE, *Op. cit.*, p. 109.

228 Idem, *ibid.*, p. 111.

Henry Bates salienta apenas o conforto das residências de Manaus em seus relatos, sem entrar em detalhes construtivos²²⁹. Avé-Lallemant (em 1859) escreve sobre o contraste entre os “*sólidos edifícios em estilo europeu*” e as “*primitivas casas tapuias de barro*”²³⁰. Ao fazer referência aos sobrados, afirma:

“*A casa defronte de mim, (...) um sobrado com seis janelas de frente, era muito mal construída. Só edificaram alguns novos sobrados; tudo parecia esperar alguma coisa, que deveria dar o verdadeiro impulso.*”²³¹

Esse verdadeiro impulso ocorreu apenas anos depois, com o ciclo da borracha. Mas até que os recursos advindos do período áureo da borracha transformassem a paisagem e as construções, Manaus continuou parecendo, para o olhar dos viajantes, “*um pequeno aglomerado de casas, metade das quais (...) prestes a cair em ruínas*”, com seus “*castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos*”²³².

Em outros aglomerados urbanos situados ao norte do país, parte das construções, ainda em meados do século XIX, era coberta com folhas de palmeira. Como materiais construtivos, continuava-se empregando o barro e a madeira.

Louis e Elizabeth Agassiz observam que em Tefé essas construções eram sempre “*rodeadas por pequeno pomar; cercado de estacas e plantado de laranjeira e palmeiras tais como coqueiros, açai, pupunhas e outras plantas*”²³³. Esse aspecto atraiu, da mesma forma, o olhar de Avé-Lallemant, que afirma em seus relatos:

“*(...) Nos quintais sem cerca, cresciam laranjeiras, espôndias e alguns coqueiros, que chamaram minha atenção por nunca tê-los visto tão longe do mar.*”²³⁴

229 BATES, *Op. cit.*, p. 133.

230 AVÉ-LALLEMANT, *Op. cit.*, p. 100.

231 Idem, *ibid.*, p. 102.

232 AGASSIZ, *Op. cit.*, p. 127.

233 Idem, *ibid.*, p. 137.

234 AVÉ-LALLEMANT, *Op. cit.*, p. 166.

Avé-Lallemant sublinha o fato de que a maior parte das casas de Tefé era de barro, com “*telhados de palha*”. Mas o viajante encontra também “*algumas casas de alvenaria*”²³⁵.

Henry Bates apresenta uma descrição mais crítica dessas construções:

“(…) *Existem ali exatamente 107 casas, metade das quais não passa de miseráveis casebres de barro cobertos de folhas de palmeira.*”²³⁶

As casas de Tefé compunham uma paisagem horizontal onde se destacavam coqueiros e palmeiras. Eram casas simples, de barro, pintadas de branco, a maior parte com cobertura vegetal; quase mucambos; resultado em parte da distância entre a cidade e a região litorânea, do afastamento do mar e do oceano – distância esta vencida somente por meio dos rios.

Em Santarém, a “*vila mais importante de todo o Amazonas*” à época da visita de Spix e Martius, as casas eram de pau-a-pique, térreas, barreadas e caiadas de branco, com telhas côncavas ou folhas de palmeira na cobertura. Eram poucas as residências com alicerces de alvenaria ou tijolo. O chão raras vezes era assoalhado, sendo comumente revestido de tijolo – nas casas mais simples, era de terra batida. Nas janelas, em vez de vidraça, era comum o emprego de venezianas. Os quintais, atrás das residências, eram separados uns dos outros por muros baixos de barro – nesse espaço externo, normalmente existia um telheiro, sob o qual se cozinhava, e senzalas para a “*criadagem da casa*” quase sempre composta por índios. As salas eram espaçosas e os quartos, muitas vezes dispostos em fila, podendo servir de moradia a várias famílias²³⁷.

Alfred Wallace, já em meados do século XIX, chama atenção para as cores das casas, a maioria sendo pintada de bran-

235 AVÉ-LALLEMANT, *Op. cit.*, p. 166.

236 BATES, *Op. cit.*, p. 205.

237 SPIX & MARTIUS, *Op. cit.*, p. 98-9.

co ou amarelo, com “*portas e janelas verdes e berrantes*”²³⁸. Henry Bates descreve as casas de Santarém como “*razoavelmente uniformes, de paredes caiadas de branco e telhados vermelhos, rodeadas por verdejantes jardins e pomares*”²³⁹. Bates também observa a existência de jardins nos arredores da cidade, como na residência onde se hospedou em 1851, cuja varanda pequena e alta “*dava para um jardim cheio de lindas flores*”. Essa casa possuía apenas três cômodos, um dos quais com piso de tijolo, os outros dois, forrados de tábuas. A cozinha, como era usual em várias partes do país, “*ficava separada da casa alguns metros*”²⁴⁰.

Ao olhar de Avé-Lallemant, que visitou a cidade em meados do oitocentos, as casas de Santarém pareceram sólidas. De acordo com esse viajante, as residências urbanas eram construídas nesse período de alvenaria, indicando uma alteração na predominância do sistema construtivo e dos materiais de construção²⁴¹.

Diferentemente do que aconteceu em boa parte dos aglomerados urbanos implantados na bacia do Amazonas, em Belém existiram construções de pedra desde o período colonial em virtude de sua localização – junto à faixa litorânea – e, conseqüentemente, de uma comunicação mais efetiva com a Europa. Assim, à época da visita de Spix e Martius (por volta de 1820), a cidade já apresentava “*casas sólidas, construídas, em sua maior parte, de pedras de cantaria*”²⁴².

Hercules Florence encontrou, no bairro da Campina, “*grande quantidade de bonitas casas de negociantes (...)* feitas em parte de cantaria vinda de Portugal como lastro de navios”²⁴³.

238 WALLACE, *Op. cit.*, p. 94.

239 BATES, *Op. cit.*, p. 139.

240 Idem, *ibid.*, p. 140.

241 AVÉ-LALLEMANT, *Op. cit.*, p. 77.

242 SPIX & MARTIUS, *Op. cit.*, p. 23.

243 FLORENCE, *Op. cit.*, p. 308.

Em meados do século XIX, o aspecto das construções parecia não haver mudado de modo significativo. Em relação às casas, Alfred Wallace afirma que eram geralmente brancas, em sua maioria térreas, “*irregulares e baixas*”, feitas de um arenito ferruginoso sobre o qual se aplicava o reboco; as janelas continuavam sem vidraça, sendo fechadas por treliças de madeira. Na decoração das portas e janelas, empregava-se com frequência o azul e o amarelo, sendo as casas, como as demais construções, erguidas segundo um “*estilo italiano adulterado, porém pitoresco*”²⁴⁴. Para Avé-Lallemant, essas casas eram “*distintas, grandes e bonitas, verdadeiros palácios em miniatura, mas todas antigas*”²⁴⁵.

À época de sua visita, Henry Bates encontrou as residências de Belém em “*mau estado de conservação, com matos e arbustos nascendo de grandes rachaduras nas paredes*” – consequência dos problemas de ordem política e econômica e das epidemias que assolavam a cidade. Do mesmo modo que Wallace, atribui a essas construções um “*estilo italiano*”²⁴⁶.

Como em diversas outras cidades brasileiras, em Belém foram comuns as casas de campo ou de chácara, muitas vezes denominadas “*rocinhas*”:

“Atrás das ruas da cidade estende-se um vasto terreno cortado por estradas e caminhos que se cruzam em ângulo reto, formando quadras que são ocupadas por uma, duas ou mais ‘rocinhas’. Estas são de um só pavimento e têm diversos cômodos, todos espaçosos possuindo também uma ampla varanda, onde geralmente se fazem as refeições, e que é a melhor parte da casa para descansar ou trabalhar. Os quintais são geralmente tomados por charcos, matos ou por árvores frutíferas. Eventualmente, planta-se um jardim num trecho do quin-

244 WALLACE, *Op. cit.*, p. 17, 19 e 20.

245 AVÉ-LALLEMANT, *Op. cit.*, p. 29.

246 BATES, *Op. cit.*, p. 22.

*tal, raramente com esmero e bom gosto, preferindo-se cultivar as folhagens e flores européias, ao invés das esplêndidas e ornamentais plantas da região.*²⁴⁷

A visão de Henry Bates em relação aos jardins das chácaras (ou rocinhas) difere muito do olhar de Alfred Wallace. Para Bates, esse tipo de residência situava-se em meio a “*luxuriantes e ensombrados jardins*”²⁴⁸.

Avé-Lallement compara a área das casas de campo e rocinhas a um vasto parque, com aleias ornadas de palmeiras, e bananeiras sombreando as construções:

*“(...) viçosas bananeiras ensombram lindas casas de campo (...). E mais, mangueiras, artocarpos e numerosas anonáceas, laranjeiras, cafeeiros e tudo o mais que a viçosa vegetação tropical pode apresentar; tudo isso se aglomera em redor das bonitas casas de campo, nas quais o paraense procura escapar à canícula tropical.*²⁴⁹

Enquanto as casas urbanas eram no máximo consideradas “bonitas” por alguns viajantes mais gentis em sua descrição, as casas de campo em meio às árvores de fruto podiam parecer “lindas” na atribuição de valores do olhar europeu. Observe-se que é a presença da vegetação que altera a qualificação da residência do ponto de vista europeu: em vez de bonitas, lindas casas de campo – ou mais que lindas, “*belas chácaras ou rocinhas*”, como as denominou Henry Bates²⁵⁰. Neste caso, interessa ao viajante enfatizar a beleza do lugar e da paisagem, mais do que as características construtivas das residências.

Ainda no que diz respeito às construções da área urbana, alguns viajantes, como Spix e Martius, estabeleceram relações entre as casas de Belém e as casas do Maranhão:

247 WALLACE, *Op. cit.*, p. 20.

248 BATES, *Op. cit.*, p. 21.

249 AVÉ-LALLEMENT, *Op. cit.*, p. 30.

250 BATES, *Op. cit.*, p. 21.

“(…) A arquitetura é singela, raro tendo as casas mais de dois pavimentos; quase sempre térreas, são mesmo construídas em menos grandes proporções e menos decoradas do que as do Maranhão, simplesmente caiadas e em geral sem vidraça (…).”²⁵¹

À semelhança de outras cidades do nordeste, em São Luís do Maranhão – não obstante algumas diferenças no tipo de revestimento, com o emprego mais vasto do azulejo – as casas possuíam dois ou três pavimentos, sendo em sua maior parte construídas de pedra de grés talhada e, segundo Alcide d’Orbigny, “bem distribuídas no interior”.²⁵² Constata-se mais uma vez a predominância do sobrado junto à faixa litorânea, especialmente o sobrado mais alto, mais magro, mais vertical – analisado por Gilberto Freyre.

Mas as pedras que chegavam nas cidades litorâneas como lastro de navios não alcançavam as cidades situadas mais ao interior do Brasil. A centro-oeste do país, em cidades como Cuiabá e Goiás Velho, tornaram-se comuns as construções de taipa, seja por influência dos bandeirantes, seja pelo tipo de solo disponível no entorno.

Hercules Florence destaca o escasso número de sobrados em Cuiabá, bem como a existência de jardins junto às habitações e o material construtivo destas últimas:

“(…) Não há senão 18 ou 20 casas de sobrado, esse mesmo pequeno: todas as demais são térreas. Cada casa tem nos fundos um jardim plantado de laranjeiras, limoeiros, goiabeiras e tamarindeiros (…).
Rebocam-se por fora as habitações com tabatinga, que lhes dá extrema alvura; entretanto muitas há,

251 SPIX & MARTIUS, *Op. cit.*, p. 23.

252 ORBIGNY, Alcide d’. *Viagem pitoresca através do Brasil, 1826-1833*. Trad. David Jardim. São Paulo: Edusp, 1976. p. 85. (Primeira edição: 1824-1847).

*principalmente nos arredores, que conservam a cor sombria da taipa de que são feitas, bem como todos os muros e cercados.*²⁵³

Ferdinand Denis estabelece uma relação entre o sistema construtivo e os fundadores da cidade:

*(...) Apesar de sua posição remota, Vila Real de Cuiabá é uma cidade populosa e florescente (...). Como esta cidade foi fundada pelos paulistas, as casas e os edifícios ali construídos são de taipa.*²⁵⁴

Mas foi também a localização “remota” de Cuiabá que determinou o emprego desse sistema construtivo à época de sua fundação e ao longo do século XIX.

A utilização da taipa foi constatada, da mesma forma, em Vila Boa de Goiás, por Saint-Hilaire, que observou ainda o emprego curioso de lâminas de talco nas janelas em substituição aos vidros – que também não alcançavam as cidades do interior do país:

*“A cidade conta com cerca de 900 casas, feitas de barro e madeira, sendo pequenas, mas bastante altas para a região. Várias delas são sobrados, e algumas janelas têm vidraças feitas de lâminas de talco.*²⁵⁵

Constatação semelhante foi feita por Johann Emanuel Pohl – apesar da variação no cálculo do número de residências do espaço urbano:

“(...) A cidade inteira tem cerca de 700 casas, a maioria construída de madeira e barro, de um só andar.

253 FLORENCE, *Op. cit.*, p. 137 e 142.

254 DENIS, *Op. cit.*, p. 337.

255 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. Trad. Regina Regis Junqueira. São Paulo: Edusp, 1975. p. 50. (Publicação do resumo das viagens: 1822; publicação do texto completo: 1887).

*Na estação chuvosa frequentemente nelas penetra água e então desabam muitos desses casebres mal construídos. São raras as janelas envidraçadas. Habitualmente a mica extraída na capitania substitui os vidros. Tem a vantagem de permitir ver muito bem, através da janela, de dentro para fora, enquanto de fora para dentro nada se pode distinguir. Mas, após alguns anos, perdem esta qualidade.*²⁵⁶

Construía-se e improvisava-se com o material disponível no entorno. A taipa possibilitava nessa área, pelo tipo de solo existente, a construção de sobrados. Contudo, nem sempre o olhar do viajante era complacente no que diz respeito a esse tipo de construção. Além de Pohl, Luiz d'Alincourt critica com veemência as residências de Goiás:

*“As casas são mediócras e irregulares nos frontispícios, feitas de taipa, e mui poucas há que não sejam térreas.”*²⁵⁷

Construções de pedra ou, de um modo mais geral, de alvenaria, eram mais bem apreciadas pelo olhar estrangeiro. De pedra eram as casas de Belém, de São Luís, do Rio de Janeiro, de Salvador, de Recife, de outras cidades junto à faixa litorânea, e de algumas cidades do interior de Minas, como Vila Rica:

*“A cidade de Vila Rica principia por algumas pequenas casas de pedra, térreas, solidamente construídas, e ocupa dois morros e o vale existente entre eles.”*²⁵⁸

No extremo sul do país, havia construções de pedra em cidades de maior importância, como Porto Alegre. Ferdinand Denis escreve que as casas desta cidade, em 1838, eram em geral

256 POHL, *Op. cit.*, p. 140-1.

257 ALINCOURT, *Op. cit.*, p. 95.

258 POHL, *Op. cit.*, p. 386.

térreas, “*construídas de tijolos ou de pedra de cantaria*”²⁵⁹. Não obstante, Saint-Hilaire surpreendera-se, anos antes (entre 1820 e 1821), com o “*grande número de edifícios de dois andares*” existentes na cidade, afirmando serem as casas “*cobertas de telhas, caiadas na frente, construídas em tijolo sobre alicerces de pedra*”²⁶⁰. De qualquer modo, constata-se o emprego da pedra nas construções de Porto Alegre.

Casas feitas de pedra o naturalista francês encontrou em Curitiba – casas térreas, cobertas de telha, com “*macieiras, pessegueiros e outras árvores frutíferas européias*” no quintal²⁶¹ – e na “*cidade de Santa Catarina*”:

“*A cidade de Santa Catarina, também chamada do Desterro, tem grande extensão e pouca largura. (...)*

As casas, edificadas de tijolo ou de pedra, caiadas e cobertas de telha, são, em sua maior parte, bem conservadas (...), existindo muitas de um andar, enviaçadas e construídas com muito gosto.”²⁶²

No que concerne ao tipo de cobertura das edificações, em algumas cidades ao sul do país, foram proibidas as casas cobertas de capim, como aconteceu em Pelotas, a partir do estabelecimento do Código de Posturas Policiais de 1829²⁶³. Anos antes

259 DENIS, *Op. cit.*, p. 172.

260 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821*. Trad. Leonam de Azeredo Penna. São Paulo: Edusp, 1974. p. 29 e 41. (Publicação do resumo das viagens: 1822; publicação do texto completo: 1887).

261 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem a Curitiba e Santa Catarina, 1820*. Trad. Regina Regis Junqueira. São Paulo: Edusp, 1978. p. 71. (Publicação do resumo das viagens: 1822; publicação do texto completo: 1887).

262 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Santa Catarina, 1820*. Trad. Carlos da Costa Pereira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. p. 152-3. (Publicação do resumo das viagens: 1822; publicação do texto completo: 1887).

263 v. SCHLEE, *Op. cit.*, p. 121.

Saint-Hilaire notara que em São Francisco de Paula (antiga denominação da cidade) não se via “*uma palhoça sequer*” e que as casas térreas eram “*cobertas de telhas e guarneçadas de janelas envidraçadas*”²⁶⁴. O naturalista, entretanto, não faz menção em seus relatos ao sistema construtivo empregado.

Em cidades originárias de colônias alemãs, implantadas ao sul do país, cuja fundação se deu em pleno século XIX, como a cidade de Joinville, que surgiu a partir da colônia Dona Francisca, empregaram-se outras técnicas construtivas no período.

Avé-Lallemant visitou essa colônia em 1858, descrevendo o modo de construção das casas:

*“Quase diria que a morada do colono já nasceu feita. Querendo-se dar desde logo certa firmeza à casinha, plantam-se nos quatro cantos do terreno quatro troncos retos de araçá, lisos de natureza, ligando-os em cima e em baixo com troncos de açá (Euterpe oleracea). A mesma palmeira, tronco comprido contra tronco, deve encher os intervalos. Como não há pregos à mão, tudo é amarrado. As cordas para esse fim se acham na mata, em muitos milhares de exemplares.”*²⁶⁵

As “cordas” a que Avé-Lallemant se refere eram os cipós:

*“E, antes de tudo, com o cipó de arácea constrói o colono sua casa.”*²⁶⁶

Madeira, cipó e folha de palmeira (da qual se extraía a ripa utilizada na confecção das “*telhas naturais*”) eram os materiais empregados na construção das casas dos colonos, de aparência “*rudimentar, primitiva*” para o olhar europeu²⁶⁷.

264 SAINT-HILAIRE, *Op. cit.*, p. 69.

265 AVÉ-LALLEMANT, *Op. cit.*, p. 192.

266 Idem, *ibid.*, p. 193.

267 v. AVÉ-LALLEMANT, *ibid.*, p. 195.

Em Joinville, cidade-sede da colônia, foram erguidas casas de “enchamel” ou enxaimel – construções com estrutura de madeira, paredes de tijolo, piso elevado e telhas planas, de fabricação manual²⁶⁸.

Esse tipo de construção diferenciada ao sul do país revela a importância das influências culturais na concepção da casa brasileira do oitocentos. As influências indígena e africana tornaram familiares ao brasileiro as casas cobertas com palha ou folhas de palmeira erguidas tão-somente com os materiais disponíveis no entorno; a influência portuguesa levou ao emprego da pedra de cantaria ou mesmo da taipa nas construções; a influência inglesa, ao emprego do vidro nas janelas em substituição às rótulas, gelosias e muxarabis; a influência alemã ou anglo-saxônica resultou em casas com estrutura de madeira, muitas vezes erguidas sem o uso de pregos. Essas influências tão distintas tiveram muitas vezes como resultado a construção de tipos de residência urbana e semiurbana peculiares a determinadas áreas e regiões do país, traduzindo a riqueza cultural que fundamentou a produção da casa brasileira do século XIX.

O olhar do viajante poucas vezes foi capaz de perceber essa riqueza e a forte inter-relação da casa com o entorno, com as características geográficas do lugar, especialmente no que diz respeito ao tipo de solo, às espécies vegetais existentes e à maior ou menor proximidade da faixa litorânea. As “miseráveis choupanas” ou os “miseráveis casebres” descritos pelos viajantes estavam em plena harmonia com a paisagem que integravam; eram “ecológicos” no sentido de uma melhor adaptação ao meio, assim como os mucambos, e discriminados da mesma forma tanto por europeus como por brasileiros influenciados pela civilização europeia.

268 v. KELLER, Paul Hellmuth. “Joinville na arquitetura”. In: *Álbum histórico do centenário de Joinville, 1851-1951*. Curitiba: Gráfica mundial Ltda., 1951. p. 67.

